

# A concepção de liberdade em Sartre

*The concept of liberty in Sartre*

*Aline Maria Vilas Bôas da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** A liberdade constitui um dos problemas da sociedade contemporânea porque, entre outros temas, trata dos limites da vida coletiva, o objeto deste artigo é a concepção de liberdade em Jean Paul Sartre (1905-1980), especificamente, na obra *O ser e o nada- ensaio de ontologia fenomenológica* (1943) e *O existencialismo é um humanismo* (1946). Para o filósofo, a liberdade é condição fundamental da ação e o homem está condenado a ser livre. Veremos que, para Sartre, o homem é livre e sua ação é intencional. O que importa é o caráter intencional; é mesmo essa intencionalidade da ação humana que merece destaque. Por fim, investigaremos o porquê escolher é angustiante e porque o homem é, afinal, condenado a ser livre.

**Palavras-Chave:** Liberdade. Angústia. Condenação.

**Résumé:** La liberté est un des problèmes de la société contemporaine parce que, entre autres choses, traite des limites de la vie collective, l'objet de cet article est la notion de liberté dans Jean Paul Sartre (1905-1980), en particulier dans le travail *Être et le néant- Essai d'ontologie phénoménologique* (1943) et *L'existentialisme est un humanisme* (1946). Pour le philosophe, la liberté est une condition préalable à l'action et l'homme est condamné à être libre. Nous verrons que, pour Sartre, l'homme est libre, et son action est intentionnelle. Ce qui importe est le caractère intentionnel, c'est la même intentionnalité de l'action humaine qui mérite l'attention. Enfin, nous étudions pourquoi choisir est pénible et parce que l'homme est, après tout, condamné à être libre.

**Mots-Clé:** Liberté. Angoisse. Condamnation.

\* \* \*

## Introdução

Este artigo apresenta alguns pontos da filosofia do pensador Jean- Paul Sartre que são importantes e que oferecem uma base teórica para melhor compreender sua concepção de liberdade. A finalidade não é de forma alguma esgotar a tese sartreana, mas, somente apresentar e discutir três principais pontos que estão relacionados com as considerações centrais de Sartre sobre a liberdade: o caráter intencional da ação; a tese de que o ser-humano é livre; e a liberdade como angústia.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Orientador: Prof. Me. Weiny César Freitas Pinto. E-mail: alinepandora0@gmail.com.

Sartre conceitua a liberdade como uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser-humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. Não existe nada que obrigue o ser humano agir desse ou daquele modo.

Sartre tem como ponto de partida a liberdade nas ações de escolher, o que fazer é sempre intencional, ou seja, é impulsionado por um desejo consciente dos princípios dessa escolha. Porém, para Sartre, não há princípios prontos que possam de guiar a escolha humana.

Dessa forma, a falta de princípios norteadores da ação é ratificada na obra. O Existencialismo é um Humanismo, Sartre expõe que se o homem é livre para agir e não existem valores genéricos que sirvam de guia para nossa vida, compete ao próprio homem, em suas ações concretas, construir os valores que possam orientar suas escolhas.

A escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha. É necessário escolher porque tenho de ser livre. Assim, toda vez que há uma ação, o homem se torna responsável por tudo o que escolhe, porque não há outra escolha que não exercer a liberdade.

Para Sartre, o homem é homem pela sua condição de ser livre. O homem é fruto de sua liberdade porque quotidianamente escolhe as ações que irá praticar. Dessa forma, a liberdade não é uma conquista humana, ela é uma condição da existência humana:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1998, p. 542/543).

Para a filosofia sartreana o homem é livre para escolher, já que possui consciência. Essa consciência gera a intencionalidade das ações praticadas e envolve a sociedade, pois a liberdade é uma pesada obrigação que traz a responsabilidade com seu destino e com o dos outros a sua volta.

Ao escolher, o homem representa a opção que considera ideal para toda a humanidade. Dessa forma, a sua liberdade o une a sociedade, tornando-o responsável,

porque escolhe o tipo de homem que deseja ser, e também, como os demais devem ser. Logo, as escolhas do homem sartreano provocam o sentimento de responsabilidade, o que traz angústia ao perceber que é o responsável por si e, na mesma medida, por todo o mundo.

## **2. O caráter da ação é intencional**

Sartre, em sua obra “O ser e o nada”, trata da liberdade. De forma precisa, na Quarta Parte, o Capítulo 1 referente a esse assunto se inicia com uma primeira subdivisão intitulada “A condição primordial da ação é a liberdade”, na qual ele expõe que a liberdade é um fazer que não acontece *a priori*, e sim como cumprimento da ação. Sartre afirma que “[...] é o ato que decide seus fins e móveis, e o ato é expressão da liberdade” (SARTRE, 1998, p. 541).

O homem usa a sua liberdade para escolher o que projeta ser, e a partir desta escolha são criados os seus valores. Para Sartre, não há como recusar a escolha, porque a fuga dessa opção já constitui uma escolha, é nesse sentido que estamos condenados a ser livres. Afinal, dirá Sartre “A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher” (SARTRE, 1973, p. 23).

Na filosofia sartreana, a consciência é intencional e não possui conteúdo, ela tem uma extensão de irrealidade, portanto descrever a consciência é descrever a liberdade, porque ela não está presa a um objeto.

Essa liberdade que o homem possui lhe permite nadificar o seu ser, porque não é possível conceber o nada fora do ser. Em tese, o processo de nadificação leva de alguma forma ao ser. É aqui que aparece um nexos fundamental entre a nadificação e liberdade. Mas qual é, exatamente, a relação entre esses dois conceitos? Yasbek esclarece:

Em Sartre, a liberdade é precisamente o *Ser* da consciência: nela, o ser humano é o seu próprio passado — bem como o seu devir — sob a forma de *nadificação*. Sendo consciência de *Ser* (liberdade), há para o ser humano um determinado modo de situar-se frente ao passado e ao futuro como sendo e não sendo ambos ao mesmo tempo. A *liberdade humana*, da perspectiva sartreana, é a escolha irremediável de certos possíveis: o homem *não é*, mas *faz-se*. Não há futuro previsível e nem ao menos algumas cartas marcadas de antemão. Há, isso sim, o movimento através do qual o *Ser* do homem faz-se isso ou aquilo — escolhas que, por seu turno, serão feitas a partir de certas *situações*,

jamais encerradas em algum tipo de determinismo. (YAZBEK, 2005, p. 142).

Percebe-se, assim, que é a liberdade que permite ao homem nadificar o Ser, porque constitui a razão da existência da consciência, algo que se confunde com a forma de existir de sua própria realidade. O nada se inicia no mundo por meio do homem que se questiona sobre o nada do seu ser.

Além disso, a ação é intencional, todo ato humano é por princípio intencional. Neste sentido, a característica fundamental da consciência, sabe-se, é a intencionalidade, é a tendência de estar sempre voltada para fora. A consciência é o nada, o que lhe propicia a capacidade de imaginar, de transcender, de ir além da situação presente dos fatos imediatos.

O homem age intencionalmente, premeditando a ação porque é livre, utilizando-se da razão, que o diferencia dos demais animais. O homem é liberdade em seu próprio ser:

O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda série e, para finalizar, produza um resultado previsto. Mas ainda não é isso que nos importa. Com efeito, convém observar, antes de tudo, uma ação é por princípio *intencional*. (SARTRE, 1998, p. 536).

Realmente, antes de tudo, observa-se que uma ação é intencional, é um projeto consciente. O ajuste do resultado à intenção é suficiente para falarmos da ação. Na filosofia sartreana uma pessoa que age com negligência, não agiu. Sartre exemplifica que um fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvoras não agiu, enquanto que, o operário encarregado de dinamitar uma pedreira, agiu quando provocou a explosão, ou seja, agiu intencionalmente.

Como se pode ver, a ação tem suma importância na filosofia da liberdade de Sartre, ela, por princípio, é intencional, ou seja, o homem se define ao escolher intencionalmente qualquer ação. Essa ação intencional é a realização da liberdade pela escolha do homem. A liberdade, portanto, não é um atributo, a liberdade é o próprio homem. A esse respeito, Sartre diz:

A realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadificação na forma do ‘reflexo-refletidor’. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. (SARTRE, 1998, p. 545).

Por esse ponto de vista, conclui-se que a consciência do homem, na linguagem de Sartre, não é algo determinado, mas, ao contrário, faz-se na materialização das escolhas, pois não é possível modificar o passado. Em última análise, a liberdade é o que fundamenta o vazio da consciência, ou seja, o homem é aquilo que sua liberdade forma. Assim, toda ação tem uma partida intencional fruto da liberdade de escolha do homem.

## **2.1 Ser “em-si” e ser “para-si”**

Para se compreender como a consciência do homem se materializa nas escolhas intencionais é preciso compreender o que, exatamente, Sartre chama de “em-si” e “para-si”. A expressão “em-si” é utilizada por Sartre, para designar tudo o que existe, exceto a consciência humana, chamada, por ele, de “para-si”. Todas as coisas que existem são resultados objetivos, chamados “em-si”; por sua vez toda a representação não objetiva designada pela consciência do homem é a parte denominada de “para-si”.

Sabe-se já que o homem é livre e não poderia não ser. Assim, através da ação, o ser “para-si”, porque é consciente, precisa estabelecer relações com o mundo do “em-si”, visto que o ‘nada’ só pode ser o ‘nada de alguma coisa’. Logo, o mundo-objeto se conserva como fundo indispensável para a nadificação ou ato da consciência. E, nesse sentido, o homem desprovido de consciência busca preencher este nada que ele é.

Em outros termos: o “em-si” faz parte da estrutura do “para-si”, infesta-o com a sua contingência original e insuprimível, enquanto que o “para-si” é o nada que invade o ser. Essa força nadificadora demonstra a capacidade dos seres humanos de se questionarem a respeito das coisas. E é, justamente, a partir do momento que os seres humanos se interrogam e podem fazer escolhas sobre as indagações que revela-se a liberdade pois homem é liberdade.

A liberdade, portanto, é a condição necessária para a ação de escolher que permite ao homem fazer-se, logo, ela é o que permite ao “para-si” construir seu próprio devir.

[...] a consciência não passa de um vazio transparente que se alimenta de sua intencionalidade, e isso de um modo tão radical que o tema da intencionalidade ostenta uma dimensão ontológica. A consciência é consciência de..., ela é intencional, e, nesse sentido, o para si é o que não é e não é o que é. A vida da consciência consiste em tender a algo que ela não é, buscando como coincidir plenamente com o outro que não ela mesma, com um intencionado; assim, ela é o que não é. Mas ela não é o outro, não é aquilo do qual tem consciência, visto que, sendo consciência, esgota-se na distância e não consegue abandonar-se; e, assim, ela não é o que é enquanto intencional. (BORNHEIM, 1971, p. 54).

Em resumo, o “em-si” consiste em ser o objeto e o “para-si” consiste em ser a consciência; no entanto, a consciência só é intencional quando está unida ao objeto. Bornheim explica bem que se a consciência é intencional, então ela se despede de tudo, ela é nada. Dessa forma, a consciência introduz o nada no ser, e a realidade humana revela essa síntese recíproca e paradoxal do ser e do nada. Em outras palavras, o “para-si” expressa um direcionamento de consciência da ocorrência dos fatos, e o “em-si” demonstra a permanência dos fatos em sua ocorrência.

Na visão de Bornheim, como se vê acima, a consciência não passa de um vazio transparente que se alimenta de sua intencionalidade, a consciência é ‘consciência de’; ela é intencional e, nesse sentido, o “para-si” é o que não é e não é o que é. Se o homem fosse simples como as coisas são, teria a plenitude das coisas. A consciência não é um “em-si”.

A realidade humana é sofredora em seu ser, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade de ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perder-se como Para-si. (SARTRE, 1998, p. 141).

É através dessa nadificação que o Para-si surge com o ímpeto de se tornar um Em-si. O Em-si é o ser e o Para-si nasce pelo nada que habita. Sem o Nada, o Para-si seria simplesmente Em-si.

Assim, a realidade humana surge como tal em presença de sua própria totalidade ou si enquanto falta desta totalidade. E esta totalidade não pode ser dada por natureza, pois reúne em si os caracteres incompatíveis do Em-si e do Para-si. (SARTRE, 1998, p.141).

É impossível a síntese do Para-si em Em-si. Então o que somos? Uma infinidade de possibilidades, porque o sentido do Para-si é complexo e não pode ser contido em uma fórmula. Daí a angústia, na medida em que não sou suficientemente preparado para esse futuro que tenho-de-ser, restando-me apenas este ser de sentimentos em conflito.

Enquanto o ser-Em-si é o próprio ser farto de si, encerrado em sua plenitude e positividade, o Para-si é marcado pela negatividade do ainda não ser. Isto é, “[...] um nada que dela me isola, impede-me de sê-la, permite-me apenas julgar sê-la, ou seja, imaginar que a sou”. (SARTRE, 1998, p. 106-107).

Como se pode notar então, na linguagem de Sartre o “em-si” ‘*é o que é*’, enquanto o “para-si” ‘*não é o que é*’ e ‘*é o que não é*’. Perdigão esclarece melhor:

[...] por causa da transcendência, o Para-Si *não é o que é*, pois se coloca a distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si também *é o que não é*, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser *este* Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me Nada de outro Ser. (PERDIGÃO, 1995, p. 49- 50).

O fato importante, aqui, é que a consciência se sintetiza na intencionalidade, pois não há consciência sem uma parte do ser. A parte do ser reservada a consciência nos remete a ontologia. Nos termos do próprio Sartre, a consciência não existe sem o mundo a ser entendido por ela; assim como, não tem mundo sem consciência do mesmo, logo a consciência surge junto com o mundo:

O *ser e o nada* é uma ontologia concebida do ponto de vista dessa subjetividade, e a ‘experiência da sociedade’ é posta em jogo apenas até o ponto em que pode oferecer *ilustrações* - muitas vezes esplendidamente realistas - do ‘mundo’ extremamente abstrato (não o mundo empírico, mas um construto ontológico) no qual ‘a realidade humana’ (subjetividade ou individualidade) se situa. (MÉSZÁROS 2012, p.146).

Por isso, pode se dizer que, para Sartre, a consciência tem como marca ontológica principal a intencionalidade, ela planeja a sua existência projetando-se, isto é, mantendo-se contínua em relação a si e ao mundo que se apresenta. Diante disso, ela, a consciência, por princípio, possui o *status* ontológico de uma coisa, porque para Sartre o “para-si” é o tipo de ser que deve fazer-se ao longo de sua existência. É ele que deve

confirmar um sentido ao mundo em torno de si mesmo. Esse fazer-se é denominado por Sartre de liberdade.

A liberdade é essa condição fundamental para a ação que permite ao homem fazer-se, logo, ela é o que permite o “para-si” construir a sua própria essência. A liberdade apoia-se em seu “nada” de ser, sem admitir outras necessidades ou mesmo determinismos que produzam a recusa desta liberdade. Desta maneira, a liberdade vem da essência livre do próprio ser do homem, sempre consequente da escolha incondicionada, precedente de sua existência. Dessa forma, ele é o extremo do desejo do Em-si porque ele ainda não é, ele é o Nada, querendo ser pleno e satisfeito.

Mas a consciência não se transcende rumo a sua nadificação, não almeja perder-se no Em-si da identidade no limite de seu transcender. É para o Para-si enquanto tal que o Para-si reivindica o ser-Em-si. (SARTRE, 1998, p. 140).

A procura pelo sentido das coisas e da vida se efetiva em nosso âmago porque somos um ser-Para-si, ser que questiona, que indaga, que se impressiona com a realidade e com nossa subjetividade. O ser-Para-si é insatisfeito porque quer ultrapassar suas próprias fronteiras. Ele é algo que constrói a si mesmo. Atividade, indeterminação e incompletude definem nossa própria liberdade.

Dessa forma: [...] a realidade humana é, antes de tudo, seu próprio nada. Aquilo que nega ou nadifica a título de nadificado, resulta que o sentido da realidade humana se constitui pelo si-como-ser-Em-si fadado. (SARTRE, 1998, p. 139). Portanto, o homem precisa do outro como o nada que cria condições para tornar-se livre e, por fim, é carência, ausência e vazio.

O homem, como concebe Sartre, primeiramente não é nada, mas encontra-se lançado no meio do mundo. A realidade primeira é a sua existência, situação fática que ele descobre e assume conscientemente. Por isso, o existencialismo prega que “a existência precede a essência”, entretanto antes do homem estabelecer-se, ele surge e descobre-se no mundo onde está inserido, ou seja, ele existe para definir-se. Com efeito, a essência do homem não é inata e sim algo que se estabelece a partir de sua existência.

Dessa forma, a liberdade constitui-se na origem do “para-si”, porque se o homem não fosse livre, permaneceria encarcerado no Ser. Assim a liberdade é a razão da existência do “para-si”, se confundindo com o próprio modo de existir da realidade humana. Entretanto, Sartre explica que ao contrário, do que parece, a descoberta da

liberdade leva à angústia. Uma angústia decorrente do fato de que o “para-si” é livre e não tem como se precaver contra a permanente possibilidade de fazer uma nova escolha de sua maneira de ser. Em algumas palavras: a liberdade é angústia porque condena o homem a ter sempre diante de si uma liberdade de escolha.

## **2.2 A liberdade: angústia e condenação**

Segundo Sartre, o homem é condenado a ser livre, ser livre quer dizer aqui, escolher. Logo, é na escolha manifesta que a realidade humana se constitui como um projeto no mundo. Tal projeto, qualificado por Sartre como original ou inicial, modifica-se constantemente no combate existencial da realidade humana contra o mundo:

É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (SARTRE, 1973, p. 15).

A condenação à liberdade leva o homem à angústia e Sartre a descreve da seguinte maneira:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (SARTRE, 1998, p.72).

Nos termos de Sartre, a angústia diante da liberdade significa algo diante de si mesmo, daquilo que constitui a própria realidade humana, isso porque quando o homem está diante de uma nova escolha, que ameaça modificar sua vida e seu ser, se sente angustiado.

[...] Como vimos, para a realidade humana, ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa *receber* ou *aceitar*. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchamos a borda. O homem não poderia ser ora

livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1998, p. 545).

Isso significa dizer que a existência precede a essência, ou seja, o homem primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo; e só depois se define. Em uma palavra, o homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Em tese o homem é livre, ele é pura liberdade.

É a liberdade, por conseguinte, que dá fundamento aos valores. Se o homem é totalmente livre, é conseqüentemente, responsável por tudo aquilo que escolher e fizer. Definitivamente, não há desculpas para ele.

É, por isso, entre outras razões, que Sartre define o homem como a angústia que brota exatamente pelo fato da condição humana ser nadificada em seu próprio ser. O desamparo, assim, é a condição perene na realidade humana, como um ser sem nenhum fundamento para seu ser nadificado. Em termos propriamente sartreanos a angústia nada mais é que a situação de transferência do “em-si” “para-si”.

[...] o ato que confere seu sentido à ação em particular que levo em consideração em dado momento: este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, descoberta do mundo. (SARTRE, 1998, p. 569).

Escolher é angustiante porque o homem está lançado à vida, ele é responsável por tudo o que faz do projeto fundamental, isto é, de sua existência. Nessa perspectiva, para Sartre, o fato do ser humano ser sua própria angústia, sem dela poder fugir, remete o homem ao mascaramento dessa angústia e a eliminação de sua liberdade.

Essa atitude, como não se pode furtrar nem da liberdade, nem da angústia, só se constitui como uma atitude de mentira, de engano. Ou seja, é somente no ato de enganar a si próprio, de mentir para si mesmo, que o homem pode desenvolver a crença de que não é angústia e sim, uma essência, um fundamento de sua própria existência.

Além do mais, a fuga da angústia não é apenas empenho ante ao devir: ela tenta desarmar a ameaça do passado. Nesse caso, tenta escapar da sua própria transcendência, na medida em que sustenta a liberdade e ultrapassa sua essência.

Tudo isso porque essa condenação ontológica do homem é a própria liberdade, dirá Sartre. “A conseqüência essencial das observações anteriores é de que o homem está condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”. (SARTRE, 1998, p. 678).

Eis aqui o sentido fundamental da responsabilidade para Sartre; a responsabilidade implica no poder do homem enquanto centro da existência. É o homem o autor da totalidade das coisas e também o autor do seu próprio ser.

Em última análise, o homem não tem desculpas para sua própria existência, porque desde o momento em que nasce ele se torna ser, ele carrega sozinho o peso do mundo, sem que nada ou alguém possa torná-lo leve. A responsabilidade tem um alicerce sobre todas as realidades, menos sobre si mesma, dado que o homem é gratuitamente abandonado, condenado à liberdade e à responsabilidade. Nesse sentido, Sartre afirmará categoricamente:

Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. (SARTRE, 1998, p. 681).

Neste ponto Sartre faz a defesa da responsabilidade absoluta e gratuita: eu sou responsável por tudo, salvo de minha própria responsabilidade porque não sou fundamento de meu ser. Quando eu escolho ser livre, eu me condeno a ser tudo aquilo oposto do que eu renunciei.

Mas, afinal, há possibilidade do indivíduo escapar do paradoxo liberdade-angústia? Há possibilidade do homem se libertar da condenação à liberdade? A resposta categórica de Sartre é: não. Não é possível escapar do paradoxo liberdade-angústia, tampouco é possível ao homem se libertar de sua condenação à liberdade. Tudo o que o homem fizer nesse sentido, se enquadra naquilo que Sartre chamou de má-fé.

Para Sartre fugir da angústia é má-fé, porque a angústia não pode ser mascarada nem evitada:

Não se trata, pois, de expulsar a angústia da consciência ou constituí-la em fenômeno psíquico inconsciente; simplesmente, posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime. (SARTRE, 1998, p. 89).

São tentativas como essas, de mascaramento do nada de ser, da angústia, que recebem o nome de má-fé nos termos sartreanos.

Como vemos, a liberdade não é limitada por algo exterior a ela, e ainda assim é totalmente niilificada. A validade absoluta da liberdade é afirmada categoricamente e, contudo, as condições de sua concretização (negação), em conformidade com minha contingência e facticidade, são plenamente respeitadas, sem o menor pré-julgamento sobre se as manifestações específicas de minha liberdade, unificada sob meu projeto global único, serão marcadas pela “autenticidade” ou pela “má-fé”. (MÉSZÁROS, 2012, p.155).

A liberdade, portanto, é algo que condiciona o homem, independente de sua vontade, mas isso não significa que não seja possível a concretização da liberdade, isto é, sua negação, sem importar se esta liberdade se revela por uma criatividade original do autor instituída ou destituída de intenções falsas.

O homem é livre, consciente disso, se angustia porque se vê compelido a escolher. A angústia da liberdade é angústia de optar, de fazer escolhas. Assim, Sartre, concebe o homem como angústia. O homem se dá conta de que ele não escolhe o que deve ser, mas é um ser que escolhe a si próprio e a humanidade inteira. Tendo então, grande responsabilidade sob sua própria situação existencial.

A liberdade de escolha é a angústia de existir como projeto permanente rumo às próprias possibilidades, na construção do ser no mundo. Daí, a angústia ser a consciência da própria liberdade. Sartre explica que estamos condenados porque, sem diretrizes absolutas, devemos sofrer a agonia de nossa tomada de decisão e a angústia de suas consequências, afinal o homem é totalmente livre e, conseqüentemente, responsável por tudo aquilo que escolhe e faz. Não há, definitivamente, desculpas para ele. O sucesso ou fracasso de seus atos é de sua completa responsabilidade; não lhe é permitido, honestamente, culpar os outros ou as circunstâncias pelos seus atos, quaisquer que sejam eles.

Neste ponto, é importante destacar que, para Sartre, cada escolha necessita de embasamento ou de uma condição justificável que lhe dê suporte. Conforme explicado anteriormente, o homem é o único responsável pelas suas ações e pela constituição do seu ser. Assim, o ser humano como criador dos valores, faz com que se constitua uma ética, para justificar ou embasar suas escolhas, que não estão livres da angústia. Sartre expõe:

[...] o que se poderia chamar de moralidade cotidiana exclui a angústia ética. Há angústia ética quando me considero em minha relação

original com os valores. Estes, com feito, são exigências que reclamam um fundamento. Mas fundamento que não poderia ser modo algum o ser, pois todo o valor que fundamentasse sua natureza ideal sobre seu próprio ser deixaria por isso de ser valor e realizaria a heteronomia de minha vontade. (SARTRE, 1998, p. 82).

Sobre este aspecto, Sartre revela ainda que a “[...] liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, justifica minha doação dessa ou daquela escala de valores (SARTRE, 1998, p. 83). Logo, o homem livre se angustia porque a sua liberdade não tem fundamento de valores. Uma vez que os valores são criados, também são questionados, porque existe a hipótese de inverter os níveis desses valores a partir da própria possibilidade do ser humano.

Sartre destaca ainda que “[...] separado do mundo e de minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido sozinho, injustificável e sem desculpas [...]” (SARTRE, 1998, p. 84). Como se vê, para Sartre, fugir da angústia é o mesmo que tentar firmar-se numa essência à maneira de um “em-si”, o que seria justamente oposto à qualidade da consciência como abertura ao mundo, ajustada pelo nada de ser. Tal ameaça de fuga pode ser assinalada pela noção de um Eu (Ego) na consciência, consolidado assim como uma essência.

Tudo isso só confirma o fato de que a angústia está ligada à liberdade. O homem escolhe livremente seus atos, sendo o único capaz de realizá-los. Como sua liberdade de escolha está ligada a projeção de sua existência rumo a possibilidade de ser, cada vez que tem que escolher, se sente angustiado.

Para finalizar, vale dizer, a angústia não é um quietismo, nem nunca uma inércia. A angústia interage, é dinâmica e como dirá o próprio Sartre:

Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação. (SARTRE, 1973, p.14).

Portanto ao ressaltar na filosofia sartreana a abordagem da condição humana que tem como início a consciência enquanto “nada” de ser, concomitantemente ao aparecimento da liberdade como angústia, isto nos fez constatar que a liberdade de escolha se dá na angústia de existir como projeto rumo às próprias possibilidades, na construção permanente de nosso ser no mundo.

### **Considerações finais**

O presente artigo propôs-se a comentar sobre a concepção da liberdade em Sartre. Destacou-se a posição de que o homem é livre e que a liberdade é um dos conceitos fundamentais da filosofia de Sartre, visto que essa é, para ele, a condição da existência humana. O homem pode escolher livremente o que fazer.

Verificou-se que para Sartre, isso significa que o homem será suas escolhas, porque ele é liberdade, visto que tem consciência. O ser “em-si” e o ser “para-si” foram conceituados conforme a visão sartreana, sendo o “em si” tudo o que existe e o “para-si” a consciência.

A única coisa que o homem não pode optar é não ser livre, porque provocaria a renúncia de si mesmo. Sua liberdade é o alicerce de toda a moral, mas nada explica que este ou aquele valor seja melhor. Se a liberdade do homem é o alicerce absoluto, então, a moral não existe senão no próprio homem, manifesta, exclusivamente, em seu agir concreto.

Do ponto de vista de Sartre o homem é condenado à liberdade, pelo simples fato de existir. Toda liberdade de escolha é escolha de alguma coisa, fato que implica na responsabilidade: a angústia de optar pelo o que deseja ser. Ainda, sobre a angústia, Sartre resalta que o homem, quando responsável e diante que uma escolha, sente-se angustiado.

O fato é que o homem não pode fugir de sua responsabilidade sobre si e sobre o mundo, dessa forma, não adianta reclamar ou indicar culpados, porque o homem escolhe o que será por meio de suas ações, mesmo que sinta angústia.

### **Referências**

BORNHEIM, G. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 319.

- COX, G. *Compreender Sartre*. Tradução: Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- GILES, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989, p. 315.
- JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas de Kierkegaard a Sartre*. 6. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975, p. 427.
- MÉSZÁROS, I. *A obra de Sartre*. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PENHA, J. *O que é existencialismo*. Editora Brasiliense, 2001 (Coleção Primeiros Passos 61).
- PERDIGÃO, P. *Existência e liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.
- \_\_\_\_\_. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.
- YAZBEK, A. C. *Cadernos de ética e filosofia política* 7, 2/2005, p. 141-164.  
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/yazbek.pdf>. Consultado em 06/jul/2013.